

# LETRAS DE HOJE

N.º 13/14

DEZEMBRO DE 1973

Cr\$ 12,00

**estudo e debate  
de assuntos de  
lingüística, literatura  
e língua portuguesa**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

LETRAS DE HOJE já editou 13 números. O preço da assinatura — 4 números anuais — é de Cr\$ 40,00 para o Brasil, \$US 10,00 para o Exterior. Números avulsos a Cr\$ 12,00. Os pagamentos devem ser feitos por cheque bancário ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A redação aceita contribuições de sua especialidade, comprometendo-se a informar aos autores da possibilidade de sua publicação. Aceitamos livros e revistas para resenhas.

LETRAS DE HOJE publicará nos próximos números artigos de Leda Bisol, Eugène Calmê, Fritz Hensley, Afrânio Coutinho, João Alexandre Barbosa, Raymond Alonso, José Clemente Pozenato, Cleodes Ribeiro, Wilson C. Guarany, Ione M. G. Bentz.

**REDATORES RESPONSÁVEIS**

IR. ELVO CLEMENTE

DR. WILSON C. GUARANY

**REVISOR**

PROF. LAURO DICK

**CORRESPONDÊNCIA**

PROFA. IONE M. G. BENTZ

LETRAS DE HOJE aceita trocas  
On demande l'échange  
We ask for exchange

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
EM CONVÊNIO COM O CONSELHO FEDERAL DE CULTURA  
AV. IPIRANGA, 6681 — Caixa Postal 1429 — PORTO ALEGRE

**índice**

## SEMILOGIA PROBLEMÁTICA E PERSPECTIVAS

Euclides Luiz Calloni pág. 7

## COMUNICAÇÃO E SEMÂNTICA

Gilberto Mendonça Teles pág. 20

## A ANÁLISE DO DISCURSO

Luiz Costa Lima pág. 44

O ESPAÇO LITERÁRIO: CONTEXTUALIDADE  
LINGÜÍSTICA E TRANSLINGÜÍSTICADr. Wilson C. Guarani  
Prof.<sup>a</sup> Ione M. G. Bentz pág. 55A ESTRUTURA DO SUPERLATIVO ABSOLUTO  
SINTÉTICO PORTUGUÊSAugustinus Staub  
Pedro Bonilha Regueira pág. 70A POSIÇÃO DA LINGÜÍSTICA APLICADA  
FACE AS DEMAIS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Fernando José da Rocha pág. 77

## O CAOS DA LINGUAGEM TOTAL

Adelino da Costa Martins pág. 83

## GUERRA JUNQUEIRO — MEIO SÉCULO DEPOIS

Ir. Elvo Clemente pág. 88

## UM POETA QUE AMAVA A BIBLIA

Lauro Dick pág. 92

## O PROBLEMA DO CONHECIMENTO DA FILOSOFIA MODERNA

Urbano Zilles pág. 102

## A PABLO NERUDA

Carlos Nejar pág. 113

## CRONICON

Ione M. G. Bentz pág. 118

## POEMAS

Italo Moriconi Jr. pág. 119

## RECENSÃO

pág. 121

# SEMIOLOGIA: PROBLEMÁTICA E PERSPECTIVAS

Euclides Luiz Calloni

## INTRODUÇÃO

Uma reflexão sobre a Semiologia, a Ciência dos Signos, será necessariamente limitada. Fatores vários fazem com que assim seja. Entre esses, pode-se citar a novidade da ciência e conseqüente falta de pesquisa; os diferentes pontos de partida para uma tentativa de elaboração; e, por fim, a multivocidade de interpretações que a palavra "semiologia" permite.

A presente reflexão pretenderia comportar duas partes: a primeira apresentando uma visão histórica do surgimento e primeiros passos de uma novel ciência; a segunda procurando esboçar as linhas gerais de uma sistematização já em vias de se fixar. Razões várias, salientando-se como principal a falta de uma bibliografia que permitisse uma sinopse, fazem com que seja desenvolvida tão-somente a primeira parte. Esta, por sua vez, de modo algum pretende ser exaustiva. Pretende, isto sim, sinteticamente, divisar a problemática semiológica, entrever as diversas linhas de pensamento, e pôr em questão alguns pressupostos que, à primeira vista, parecem não pertinentes à Semiologia. A par disso, é tentado um levantamento bibliográfico das obras existentes, atinentes ao assunto, e que podem servir de ponto de partida inicial de uma pesquisa mais aprofundada.

As diversas etapas, através da linguagem empregada, não de mostrar uma certa instabilidade, insegurança e muita interrogação. Aliás, parece, não ser possível outra alternativa a quem se proponha explorar os primeiros passos de um modo de analisar a realidade que se quer ciência. E sejam todas as dúvidas encaradas dentro desta perspectiva: uma não fixação (isto é, abertura) no que é instável, uma tentativa de esclarecimento mais aprofundado para o próprio autor e, sem pretensões, uma contribuição, por pequena que seja, ao possível leitor destas páginas.

Pela abertura de horizontes demonstrada sobre o assunto pelo incentivador desta reflexão, o autor fica agradecido. E que a reflexão em si atinja os objetivos de aproximação da verdade que tem em si.

## SEMILOGIA: UMA VISÃO CERAL

### 1. Ferdinand de Saussure

Pode-se afirmar, com ressalvas, que a Semiologia surge com Saussure ou, pelo menos, por indicação do mesmo (1). Já é corriqueiro encontrar-se, em artigos que se dedicam à Semiologia, a passagem do **Curso** que manifesta a necessidade de uma ciência geral dos signos. Por ser ela importante, transcrevemo-la aqui:

"A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.

Pode-se, então, conceber **uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social**; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de **Semiologia** (do grego *semeion*, 'signo'). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.

Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia; a tarefa do lingüista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos" (2).

Destes parágrafos, segue-se que Saussure:

- a — postula a existência de uma disciplina que estude os signos. Ela recebe o nome de Semiologia;
- b — diz qual a natureza dessa disciplina;
- c — delimita-a dentro de outras ciências;
- d — põe a Lingüística como ramo dessa ciência;
- e — define o papel do lingüista.

Desta colocação do lingüista genebrino, conclui-se que:

- a — Ao lado da língua, como principal sistema de comunicação, existem outros sistemas, tanto ou mais adequados ao intercâmbio de idéias quanto ela.
- b — Não é legítimo partir da Lingüística para chegar à Semiologia, uma vez que aquela parte desta e não vice-versa.

(1) Em verdade, já John Locke, em 1690, na sua classificação das ciências incluía a Semiótica, no sentido de conjunto de signos utilizados para a compreensão das coisas e para a comunicação do pensamento.

(2) SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cultrix, 1971, p. 24.

Recentemente (3) foi defendida uma releitura de Saussure. O autor dessa defesa, pondo no mesmo nível Marx, Freud e Saussure (sustentando que os três foram mal interpretados), diz que este último teve seu trabalho prejudicado pela interpretação estruturalista. A releitura permite ao articulista, partindo do Saussure já "purificado", assim expressar-se sobre a "sua" (de Saussure) Semiologia: "... não é para nós senão os postulados teóricos de uma ciência dos discursos ideológicos". E, na conclusão: "E para terminar diremos que o termo **semiologia** em Saussure tem o **statut de um conceito em estado prático da ciência dos discursos ideológicos** que, guiados pela **ciência da história**, estamos todos na iminência de produzi-la".

É bem verdade que uma releitura de Saussure parece necessária. Dessa nova leitura, entretanto, a afirmar que a Semiologia seria (ou é) uma ciência dos discursos ideológicos, medeia uma grande distância. Nada nos leva a afirmar que Saussure estivesse ligado a realidades outras que não à tentativa de sistematização de uma lingüística científica. Esteja esta lingüística ligada a um momento histórico ou não, não implica que se conclua daí que ela parta de ou contenha em si ou mesmo possa oferecer uma determinada ideologia. Pode verificar-se isso, sim. Mas é pouco crível que uma ciência coerente consigo mesma admita essa possibilidade. Quanto às ciências "servas" poder-se-ia perguntar: até que ponto são ciência no sentido pleno? Ou, pelo menos: qual a coerência dessas ciências como ciências?

A releitura é necessária, repito, mas ela mesma não pode ser "orientada" por uma ideologia, sob pena de tornar-se uma releitura a-científica.

Não obstante esta colocação, todavia, uma questão é sempre pertinente: pode qualquer realidade humana, incluindo-se a realidade cultural científica, estar desligada de uma ideologia? A resposta nos levaria a outros campos que não os que são de nosso interesse no momento.

Resta afirmar, a título de conclusão deste primeiro aspecto, que Saussure é a fonte originária da qual brota um determinado ponto de vista sob o qual a Semiologia procura ser elaborada. Se interpretado corretamente, eis outra questão. Um fato, porém, é inegável: essa fonte faz sobreviver e dá corpo, especialmente nos meios intelectuais europeus, a uma Semiologia que procura aplicar-se de modo especial aos discursos literários e, a partir deles, a qualquer realidade social.

### 2. Roland Barthes

Em sua obra **Elementos de Semiologia** (4), o Diretor da Escola de Altos Estudos defende uma postulação original e única da Semiologia.

(3) ESCOBAR, Carlos Henrique. A "Semiologia" como um "conceito em Estado Prático" (Saussure). In: —. **Revista de Cultura Vozes**, n.º 10, dez. 1970, p. 21 e ss.

Constatando que "qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem" (5), Barthes inverte a posição de Saussure: a Semiologia é que é um dos ramos da Lingüística. Assim sendo, toda metodologia e modo de operar semiológicos utilizarão conceitos e instrumentos lingüísticos. É por isso que todo o **Elementos de Semiologia**, numa tentativa de adaptação do material lingüístico, procura equilibrar-se nas dicotomias língua/fala, significação/significante, sintagma/sistema e denotação/conotação.

A conclusão dessa posição será que "o objetivo da pesquisa semiológica é reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua, segundo o próprio projeto de qualquer atividade estruturalista, que é construir um simulacro dos objetos observados" (6).

Como tentativa de sistematização da Semiologia, o ponto de partida, digo melhor, o ponto de vista barthesiano é válido. Seu ponto de partida, todavia, não parece correto, porque se "não é absolutamente certo que existam, na vida social de nosso tempo, outros sistemas de signos de certa amplitude, além da linguagem humana" (ibid., p. 11), o contrário também não é "absolutamente certo", fato que parece não justificar de modo razoável esta posição.

Crítica-se o estruturalismo, e com razão, de realizar apenas uma análise taxionômica da língua. Ocorre o mesmo na Semiologia de Barthes: apesar do seu objetivo acima indicado, ao final não se vai além de uma classificação de fatos e dados. Não se transpõe a barreira de um simples levantamento de dados, das estruturas que sustentam uma determinada situação. Fica-se no terreno do "funcionamento dos sistemas de significação", enquanto a própria significação é como que posta de lado. Afinal, a comunicação se verifica pela significação em si que uma palavra ou um gesto, p. ex., contém em si. E não pela estrutura de oposição ou contraste que essa palavra ou gesto mantém com relação a outras palavras ou gestos.

Não se quer afirmar com isso que o objetivo de uma Semiologia seja o campo das significações. (Do mesmo modo, não se quer confundir Semiologia e Semântica.) E a possível afirmação de uma ciência dos signos adstrita às significações, deve ser cautelosa. Barthes nos fala em "funcionamento". Funcionamento implica na existência de um todo cujas partes entrosar-se-iam de modo a constituírem uma significação, a qual nos permitira a comunicação. Em si, são as estruturas básicas que, para Barthes, constituiriam o *córpus* de pesquisa da Semiologia.

(4) BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo, Editora Cultrix, 1971.

(5) Id., ibid., p. 12.

(6) Id., ibid., p. 103.

É de se perguntar, todavia: a que nos levaria um tal estudo? A que conclusões chegaríamos realizando tal pesquisa? Que progressos científico-literários seriam possíveis através de levantamentos e classificações? A Teoria da Literatura não faz isso em cada análise? Seria isso Semiologia?

As questões poderiam multiplicar-se. O que resulta, todavia, é: se a "significação" parece não poder constituir o objeto único da Semiologia, o "funcionamento dos sistemas de significação" parece ser um campo um tanto abstrato e não conducente a maiores progressos.

## 2.1. Conseqüências da posição barthesiana

Em verdade Barthes, apesar de fundar suas idéias semiológicas em Hjelmslev, foi o primeiro a tentar uma sistematização da Semiologia. E nisto há um mérito inegável. Quiçá por este fato mesmo, seguem-lhe os esquemas numerosos estudiosos. Aliás, pode-se dizer, sem exagero, que toda uma escola, se bem que com pontos de vista diversos, forma-se em torno de Barthes.

Conseqüência disso é o aparecimento em língua portuguesa de numerosas obras com títulos tais como: **Semiologia dos Objetos** (7), **Literatura e Semiologia** (8), **Semiologia e Lingüística** (9). Pelos títulos, fica-se na expectativa de obras sobre a teoria dos signos e suas relações com os objetos ou com a Literatura ou com a Lingüística. E é o que elas não são, porquanto não abordam a Semiologia explicitamente.

Assim, no artigo de A. Moles, "Objeto e Comunicação", do **Semiologia dos Objetos**, lê-se: "Este número da revista **Communications** é consagrado ao objeto e a diferentes aspectos do que poderia ser mais tarde uma "teoria dos objetos" (10). Significa: a Semiologia, se já existisse, ao debruçar-se sobre o objeto, deveria cindir-se numa nova ciência, quem sabe, a objetologia ou coisa que o valha.

Outro exemplo: Antônio S. Mendonça assim inicia sua reflexão "Por uma Teoria Geral das Ideologias": "Para entendermos a problemática da Semiologia, pelo menos como ela vem sendo apresentada de um ponto de vista empirista, torna-se fundamental que busquemos a problemática da ideologia" (11).

Quer dizer: a Semiologia não existe nem subsiste por si mesma. Já aqui terá que apoiar-se na Ideologia. Mais adiante terá que recorrer à

(7) MOLES, Abraham A. et al. **Semiologia dos Objetos**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda., 1972.

(8) BARTHES, Roland et al. **Literatura e Semiologia**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda., 1972.

(9) TODOROV, Tzvetan et al. **Semiologia e Lingüística**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda., 1971.

(10) Op. cit., p. 9.

sociologia, psicologia ou outra ciência qualquer. Aliás, lendo os diversos artigos das obras citadas, mais do que uma Semiologia, pode-se concluir que há sempre uma análise sociológica, estilística, ética, estética, de comunicação e outras. Não se estaria, então, reduzindo a Semiologia a uma determinada análise? Ou não se estará dando um nome atual — e por vezes altissonante — a análises que sempre foram feitas? Não estará o termo Semiologia sendo empregado apenas para substituir outros, para pôr-nos numa situação de abstração e, por vezes, mesmo para dar maiores lucros aos editores?

A resposta parece dever ser positiva, pelo menos pelas impressões iniciais.

### 3. Tzvetan Todorov

Todorov merece lugar de destaque nos estudos semiológicos precisamente por questionar os aprioris desta ciência ainda não construída. E, ao mesmo tempo, porque sugere uma possível sistematização.

"As perspectivas semiológicas são tão numerosas quanto nos parecem de repente?" — pergunta Todorov (12). E ele próprio responde: "Elas o são na medida em que a Semiologia procura isolar um campo que lhe seja próprio (...) Estas perspectivas nos parecem muito mais prometedoras no caso em que o papel da semiologia se reduz a dar um quadro geral ou alguns princípios fundamentais (...)" E conclui dizendo: "É tempo de começar a empregar o indicativo e de dizer o que ela é" (13).

Numa tentativa de dizer o que a Semiologia é, Todorov perspectiviza que ela deveria dirigir sua atenção para dois campos possíveis: o campo dos "códigos", que abrangeria a linguagem articulada, os sistemas de comunicação baseados em outros sentidos, as linguagens artificiais e a zoosemiótica. O segundo campo seria o dos "sistemas de comunicação", que tomaria para si a responsabilidade de estudar os diversos modelos de comportamento social, o qual serve para a comunicação, mas cuja função única não é a de comunicar.

- (11) MENDONÇA, Antônio S. Por uma Teoria Geral das Ideologias. In: **Semiologia e Lingüística**, p. 7.
- (12) TODOROV, T. Perspectivas Semiológicas. In: —. **Semiologia e Lingüística**, p. 35.
- (13) TODOROV. Id., *ibid.*, p. 35-36. Aliás, Claude Bremond, no seu artigo "A Análise Conceitual do Alcorão", na mesma obra, partilha, pelo menos em princípio, a mesma posição de Todorov, quando diz: "O problema principal não é, em definitivo, inventar a codificação mais engenhosa, mas proceder à decodificação mais exata. A Semiologia deve-se constituir como ciência antes de se aplicar como arte e como técnica" (p. 54).

Temos, com Todorov, por assim dizer, um retorno a Saussure. Deduz-se que Todorov:

a — baseia a Semiologia na comunicação, de caráter eminente e essencialmente social;

b — quer que a Semiologia se constitua em ciência autônoma, ou seja, independente da Lingüística.

Não resta dúvida de que a inquietação de Todorov é legítima. E mesmo um seu certo ceticismo quanto à Semiologia, que se pode divisar nas entrelinhas, também é perfeitamente legitimado.

### 4. Conclusão parcial

Quer-me parecer, pelas reflexões até aqui feitas, que se pode perceber um ponto de vista comum que dirige os diversos pensadores: o ponto de vista da Lingüística. Tendo em mente algumas ressalvas já feitas, pode-se dizer que, nesta linha, a Semiologia parte da Lingüística e/ou a ela retorna. Poder-se-ia dizer que, nesta visão, é abstrata, não sistemática, mas prática (14).

Não há dúvida de que o ponto de partida lingüístico é válido, mas na mesma proporção em que é válida a tentativa de sistematização de Barthes, ou seja, como ponto de partida tão-somente. Logo ao depois, a Semiologia deve tornar-se independente e constituir-se a si mesma.

Mas, paralelamente a esse ponto de vista, há um segundo: aquele que tem seu ponto de partida na Lógica Matemática e/ou Lógica Simbólica. Aqui a Semiologia não se prende à linguagem articulada em si, mas considera esta um signo entre os demais. A Semiologia, então, é concreta, mas sistemática e teórica. Se bem que também sob este ponto de vista ela ainda não tenha sido constituída, seus primeiros esboços já estão lançados. Essa segunda fonte tem sua origem com Charles Sanders Peirce, matemático, logicista e filósofo norte-americano que a si mesmo se considera pioneiro nesse âmbito de estudo. Diz ele: "Tanto quanto saiba, sou um pioneiro, ou melhor, um decifrador, nesta tarefa de esclarecer e de desvendar o que chamarei a 'Semiótica', quer dizer, o estudo da natureza e das variedades fundamentais das semioses possíveis (...)" (15).

- (14) O termo "prática", aqui, é usado no sentido de que todas as análises feitas hoje em dia pretendem ser semiológicas. Ou seja, procura-se explicar um fato, qualquer que seja, ou uma realidade e, ao final, apesar da abstração ou não sistematização da reflexão feita, diz-se que se tentou realizar uma descrição semiológica, sem indicar-se precisamente o que se entende com esse termo.
- (15) Apud Todorov. Perspectivas Semiológicas. In: —. Op. cit., p. 26. A esse respeito, em confrontação com Saussure, e para uma localiz-

## 5. Charles Sanders Peirce

Se bem que seguido por Morris e Carnap (16), Peirce é o primeiro, de direito e de fato, a proceder a uma sistematização da teoria dos signos. Sua obra — **Logic as Semiotics: The Theory of Signs**, em que lógica e semiótica se identificam — preocupa-se com o signo. O signo comporta três elementos fundamentais: o campo, o objeto e o interpretante. Dessa tríade decorre a tripartição da Semiótica: signos de qualidade, signos de relação e signos de natureza, cada parte comportando subdivisões. Os signos de relação — ícone, índice, símbolo — são os mais conhecidos e aprofundados nos mais diversos tratados que precisam recorrer à Semiologia (17).

A influência de Peirce é grande. A obra **Pequena Estética** (18), de Max Bense, o comprova. A partir de Peirce, de modo especial, e de Morris, Bense elabora todo um instrumental que posteriormente servirá de base para toda uma estética que se quer nova e renovadora.

Também da Lógica Simbólica e da Matemática parte a visão de Julia Kristeva, para a qual a Semiologia só pode dar-se como crítica de si mesma, tornando-se assim, e por influência de Marx, uma ciência das ideologias.

A título de breve conclusão do que até aqui se disse — e que pretendeu dar uma visão das diversas tendências da Semiologia — pode-se dizer que esta ciência ainda não se encontrou a si mesma. Urge que ela defina sua natureza, seus métodos e seu horizonte de amplitude, como bem o querem Bremond e Todorov.

Liga-se-a freqüentemente à Epistemologia. Não creio que a Semiologia contenha em si uma Epistemologia (no sentido em que entendemos essa ciência), mas que ela há de ir ao encontro da Teoria do Conhecimento, disso não há dúvida. Por diversas vezes já, e partindo de pontos dife-

zação no tempo, é válido destacar-se aqui o que Pierre Guiraud (**A Semântica**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, p. 108) escreve: "Pela época em que Saussure ensinava em Genebra, e, ao que tudo indica, sem que tenha havido contato entre os dois, o logocista americano Charles S. Peirce considerava os mesmos problemas".

(16) Obras respectivas: **Foundations of the Theory of Signs e Introductions to Semantics**.

(17) Para uma visão mais ampla, completa e detalhada, ver **Revista de Cultura Vozes**, já citada à nota 3.

(18) BENSE, Max. **Pequena Estética**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

rentes, percebeu-se que num determinado limite a Semiologia torna-se im-  
potente. Isso possivelmente decorra do fato de que ainda se está a errar  
por um espaço escuro. Mas mesmo que houvesse já uma Semiologia cons-  
tituída em ciência, seus fundamentos teriam que ser buscados além dela  
mesma, ou seja, na Epistemologia.

Nessa linha, quiçá a obra de Wittgenstein possa ser esclarecedora.

## 6. Ludwig Wittgenstein

De leitura difícil, tanto pelo rigor do pensamento lógico quanto pela  
colocação de conceitos, creio que o **Tractatus Logico-Philosophicus** (19)  
contém em si os elementos epistemológicos que poderiam fundar uma Se-  
miologia.

Embora pouco conhecido pelos pesquisadores da linguagem (20), Witt-  
genstein reveste-se de importância. Vejo essa importância mais nos ele-  
mentos básicos e essenciais que nos são apresentados do que numa posi-  
sível Semiologia que se poderia deduzir de sua obra.

### 6.1. Contribuições do Tractatus

Seguindo um método dedutivo, Wittgenstein começa pela afirmação de  
que "o mundo é tudo o que ocorre" (1). "O mundo é a totalidade dos fatos,  
não das coisas" (1.1). O fato "é o subsistir dos estados de coisas" (2).  
"O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)" (2.01) "O  
estado de coisas é formado pela configuração dos objetos" (2.0272).

O mundo é que é definido nessas primeiras proposições. Não é ele o  
conjunto de objetos e coisas que temos e vemos ao nosso redor: é um  
estado de coisas, ou seja, a relação que existe entre essas coisas e que  
faz com que elas sejam mundo.

Antes dá-se o conhecimento e depois a linguagem: primeiramente te-  
mos a configuração dos objetos, configuração essa que possibilita as pro-  
posições, as quais, por sua vez, determinam as propriedades naturais da  
substância do mundo (2.0231). "Fazemo-nos figurações dos fatos" (2.1).  
"A figuração é um modelo da realidade" (2.12). "A figuração consiste em  
que seus elementos estão um em relação aos outros de um modo deter-  
minado" (2.14). "A figuração enlaça-se com a realidade; deste modo:

(19) WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. e  
apr. de José Arthur Giannotti. São Paulo, Companhia Editora Nacio-  
nal, 1968.

(20) As causas e efeitos desse desconhecimento (bem como observações  
valiosas sobre o **Tractatus**) são apresentados por Tullio de Mauro em  
**Une Introduction a la Sémantique**. Paris, Payot 1969, especialmente  
nos capítulos segundo e terceiro.



estendendo-se para ela" (2.1511). "Para reconhecer se uma figuração é verdadeira ou falsa devemos compará-la com a realidade" (2.223). "Pensamento é a figuração lógica dos fatos" (3).

Há neste último parágrafo, por assim dizer, um esboço de Teoria do Conhecimento. Conhecer seria pensar o mundo (tomados esses termos no sentido de Wittgenstein).

E agora, mais especificamente dentro da linguagem, temos:

O pensamento se exprime sensível e perceptivelmente através da proposição (3.1). O signo sensível e perceptível da proposição é utilizado como projeção da situação possível (3.11). O signo proposicional — aquele pelo qual exprimimos o pensamento (3.12) — consiste em que seus elementos, as palavras, estão relacionados um aos outros de maneira determinada, o que o torna um fato (3.14).

A palavra, portanto, ou melhor, a relação existente entre as palavras constitui um fato que, por sua vez, junto com outros fatos, constitui o mundo.

As situações são possíveis de serem descritas, mas não nomeadas (3.144). "Os signos simples empregados nas proposições são chamados nomes" (3.202). "O nome denota o objeto..." (3.203). "Na proposição o nome substitui o objeto" (3.22).

Aqui impõe-se uma reflexão. Pela proposição 3.22 poder-se-ia concluir que a palavra (o signo) está imediatamente ligada ao objeto, o que iria contra o ponto de vista de Saussure, para quem o signo é bifacial, ou seja, é composto por um significado e um significante. Quer-me parecer, todavia, que tudo não se passa tão simplesmente e que não é possível perceber contradição entre os dois pensadores. Ocorre que o objeto, antes de receber um nome, passa por uma figuração. Não seria nessa figuração que se encontraria o significado?

A proposição 3.2 parece confirmar: "Nas proposições os pensamentos podem ser expressos de tal modo que aos **objetos dos pensamentos** (o grifo é meu) correspondam elementos do signo proposicional".

A conclusão a que se deve chegar, parece, é a de que à linguagem antecede uma Epistemologia. Existem objetos figurados no meu pensamento. No momento em que quero externar esse pensamento faço corresponder aos objetos desse pensamento um signo proposicional. Daí, quiçá, poder entender-se a proposição: "Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo" (5.6) e também esta outra: "Sou meu mundo. (O microcosmos)" (5.63).

## 6.2. Conclusão a Wittgenstein

Não há dúvida de que o assunto mereceria reflexões bem mais aprofundadas. De outras proposições do *Tractatus*, tais como: "O pensamento é a proposição significativa" (4); "A totalidade das proposições é a linguagem" (4.001); "A proposição é a figuração da realidade. A proposição é o modelo da realidade tal como a pensamos" (4.01); "Por meio da pro-

posição a realidade deve ser fixada enquanto sim ou enquanto não (...). A proposição é a descrição de um estado de coisas (4.023); — poderíamos chegar à postulação de toda uma Epistemologia em suas relações com a linguagem. A linguagem a serviço do pensamento na compreensão com este tem do mundo.

O que me parece dever-se concluir do *Tractatus* é que esta obra, mais do que uma Semiologia como entendida correntemente, oferece os pressupostos filosóficos — e lógicos — fundamentais sobre os quais uma Semiologia deveria repousar. E não só uma Semiologia da língua ou da fala, digo, da linguagem (o "código" de Todorov), mas também uma Semiologia no sentido em que Barthes a deseja e que Todorov (os "sistemas de comunicação") a sugere (21).

Tal tarefa, extenuante por si mesma, e de muita reflexão, apresentaria duas vantagens essenciais: primeiro, assentar-se-ia sobre fundamentos sólidos; segundo, garantiria a existência de uma Semiologia como ciência elaborada. Evidentemente, porém, nesse trabalho, não poderia ser esquecido o *Philosophische Untersuchungen* que, pertencente já à produção do segundo Wittgenstein, apresenta sem dúvida um modo outro que o *Tractatus* de enfocar o assunto.

## 7. Conclusão prévia

Obras outras de autores diversos poderiam ser ainda relanceadas (22). Todas elas, entretanto, limitam-se a mencionar a Semiologia, ou a defini-la para um determinado *modus operandi* ou, enfim, demarcando seu lugar dentro de uma ciência — como o faz Guiraud, que a considera um (entre três) tipo de Semântica.

Aliás, tem-se a impressão de que quase todas as análises hoje feitas pretendem ser uma Semiologia. De tal modo que se poderia concluir que a palavra em si já não tem mais sentido ou que, por outras, a Semiologia se tornou o ponto de convergência para o qual se dirigem todas as reflexões. Ela flutua assim entre dois pontos paradoxais: nada significar ou tudo significar.

(21) Considera-se aqui a **intenção** de Barthes, no sentido de que ele procura fazer uma reflexão semiológica sobre, p.ex., o vestuário, o cardápio, e outras realidades que nos cercam.

(22) Por exemplo:

- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Trad. de Giovanni Cutolo, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971 (passim).
- ALSTON, William P. *Filosofia da Linguagem*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.
- Revista *Convivium*, n.º 6, nov./dez. 1971.
- *Revista de Cultura Vozes*, n.º 2, mar. 1972.
- E a obra de Pierre Guiraud, citada à nota n.º 16.

## CONCLUSÃO

O corpo desta reflexão ter-se-ia dado por satisfeito se tivesse podido oferecer os elementos que descrevessem a Semiologia, de maneira tal que se pudesse ter clareza sobre o assunto. Bem ao contrário, isso não se deu. A preocupação principal foi a de deter-se sobre as diversas perspectivas, dúvidas e dificuldades que a elaboração de uma ciência tal comporta em si. A apresentação de uma sistematização, aqui, seria sem sentido, antes de mais nada porque pouco significaria e, em segundo lugar, pela mais do que evidente falta de obras que tais.

Conclui-se, entretanto, que uma Semiologia, como ciência autônoma, deveria:

a — Partir de princípios filosóficos, gnosiológicos de modo especial, e isto para que seu embasamento fosse sólido.

b — Delimitar clara e especificamente sua natureza, métodos e objetivos, para que fosse evitada a possibilidade de interferir em campos que não fossem os seus e, ao mesmo tempo, para evitar ambigüidades.

c — Isto incluiria que a Semiologia, como atualmente concebida (especialmente como encarada pela intelectualidade européia), se desligasse efetivamente de outras ciências, mormente da Lingüística, embora pudesse aproveitar elementos significativos de qualquer outra ciência, como ocorre em todo relacionamento intercientífico.

Assim fazendo, poder-se-á quiçá sair deste campo realmente confuso em que a Semiologia se apresenta no momento. Isto, aliás, é uma necessidade urgente e que se impõe dia a dia. O trabalho não será fácil, em verdade, mas os resultados certamente compensarão o esforço do estudioso que a isso se dedicar.

## BIBLIOGRAFIA

- ALSTON, William P. *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1972.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1971.
- BARTHES, Roland, et al. *Literatura e Semiologia*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes Ltda., 1972.
- BENSE, Max. *Pequena Estética*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- KATZ, Chaim S. & DORIA, Francisco A. & LIMA, Luiz Costa. *Dicionário Crítico de Comunicação*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1971.
- MAURO, Tullio de. *Une Introduction à la Sémantique*. Paris, Payot, 1969.
- MOLES, Abraham, et al. *Semiologia dos Objetos*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1972.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ed. Cultrix, 1971.
- TODOROV, Tzvetan, et al. *Semiologia e Lingüística*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
- Revista de Cultura Vozes*, n.º 10, dez. 1970 e n.º 2, mar. 1972.